



## Visual poetry in the classroom: a report on the practice in the Pedagogical Residence program

### Poesia visual em sala de aula: um relato sobre a prática no programa Residência Pedagógica

PASSOS, Rafael<sup>(1)</sup>; PATRÍCIA, Washintiane<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>  0000-0002-7289-3739; UFRN. Parnamirim, Rio Grande do Norte (RN), graduado em letras - língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. [rafaelrafs@hotmail.com](mailto:rafaelrafs@hotmail.com);

<sup>(2)</sup>  0000-0002-2249-8175; SEEC/RN. Natal, Rio Grande do Norte (RN), mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil. [washalom@hotmail.com](mailto:washalom@hotmail.com).

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

#### ABSTRACT

This work focused on the presentation of the activities developed in the scope of intervention for the Pedagogical Residence project, in the context of a third year high school class of a state school, which dealt with the theme of visual poetics in the axis of the modernist experience in Brazil. In this sense, there was a diachronic approach, from modernism – pointing out its phases and, specially, paying attention to the poetics interested in the development of visual components, such as those from João Cabral de Melo Neto, from Pernambuco – to the concrete poetry, a movement that will be responsible for proposing a possible horizon, which is conventionally called visual poetry. Together with the literary discussions, we worked with the genre critical review, to enable students to develop a written production about the documentary *Poetas de campos e espaços* (1992), the final activity of the sequence. Given the pandemic scenario by which the world was challenged, the classes were organized in two axes: regular and online classes, as the experience took place in a hybrid model. Considering the classes dynamics including the mediation of technological supports, it has been fulfilled, as well, a discussion on the problematics of literature classe in this scenery, pointing out ways (theoretical and practical) and important ethical dilemmas to be considered by the teachers by the time they use the new medias in school environment.

#### RESUMO

Este trabalho tem como foco a apresentação das atividades desenvolvidas no âmbito da intervenção do projeto Residência Pedagógica no contexto de uma turma de terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual, que tratou da temática das poéticas visuais no eixo da experiência modernista no Brasil. Nesse sentido, houve uma abordagem diacrônica desde o modernismo – apontando as suas fases e, sobretudo, atentando para as poéticas interessadas no desenvolvimento dos componentes visuais, como a do pernambucano João Cabral de Melo Neto – até a poesia concreta, movimento que se encarregará de propor um horizonte possível para o que se convencionou chamar contemporaneamente de poesia visual. Em paralelo às discussões literárias, trabalhou-se com o gênero resenha crítica para capacitar os alunos a uma produção escrita sobre o documentário *Poetas de campos e espaços* (1992), atividade final da sequência. Dado o cenário pandêmico por que o mundo foi interpelado, as aulas foram organizadas em dois eixos: o presencial e o online, pois que a experiência ocorreu em modelo híbrido. No caso do primeiro, os encontros em sala de aula foram organizados no modelo expositivo-dialogado, ao passo que no segundo utilizou-se do auxílio da plataforma *youtube* para veiculação de aulas gravadas. Considerando a dinâmica de aulas envolvendo a mediação dos suportes tecnológicos, desenvolveu-se, ainda, uma discussão acerca das problemáticas envolvendo o contexto da aula de literatura nesse cenário, apontando caminhos (teóricos e práticos) e dilemas éticos importantes a serem considerados pelos professores e professoras quando da utilização das novas mídias em ambiente escolar.

#### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

##### Histórico do Artigo:

Submetido: 22/02/2022

Aprovado: 21/03/2022

Publicação: 02/04/2022



##### Keywords:

Pedagogical Residency,  
Intervention, Visual poetics,  
Critical review, Pandemic.

##### Palavras-Chave:

Residência Pedagógica,  
Intervenção, Poéticas  
visuais, Resenha crítica,  
Pandemia.

## Introdução

O estudo e a prática de ensino de literatura em sala de aula – e as suas perspectivas metodológicas – são um amplo campo de discussão no terreno da reflexão crítica, acadêmica, o que, por si só, fornece um desafio ao professor ou professora no direcionamento de suas atividades quando relacionadas às abordagens das manifestações literárias no contexto de ensino-aprendizagem. A própria natureza da literatura atesta essa dificuldade, dado que ela “faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, . . . a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber” (Barthes, 2009, p. 19). Nesse sentido, faz-se necessário pensar cuidadosamente acerca dos rumos que serão adotados no encaminhamento das atividades sobre o texto literário em cenário escolar, de modo a apresentar aos discentes uma efetiva experiência lúdica (e lúcida, dado que a sistematização do conhecimento atende a requisitos didáticos) no universo da linguagem visando a apreciação e fruição estética a partir do texto.

É nessa esteira que este trabalho se apresenta, no qual trataremos de explicitar o desenvolvimento das atividades envolvendo especificamente o texto poético em uma turma de terceiro ano de ensino médio em âmbito estadual<sup>1</sup>, em função da intervenção do programa Residência Pedagógica – instrumento formativo fundamental no início da carreira acadêmica/profissional dos alunos e alunas de licenciatura. O foco da experiência foi analisar e discutir a questão das chamadas poéticas visuais no plano do contexto literário contemporâneo e, para tal, servimo-nos de um resgate diacrônico a partir das vanguardas históricas (dadaísmo, ultraísmo, futurismo etc.) e neovanguardas da segunda metade do século XX (concretismo, por exemplo) para ilustrar a forte presença do componente visual ou fanopaico<sup>2</sup>, na expressão cunhada por Ezra Pound (1990) em seus excertos críticos, na experiência literária moderna. Nessa direção, foi-nos fundamental traçar um paralelo com alguns repertórios estrangeiros para elucidarmos o contexto brasileiro, o qual nos detivemos de maneira mais específica na poética de João Cabral de Melo Neto, índice da concisão e embrião do problema da visualidade em sua tessitura poética. Atravessamos, ainda, o modernismo brasileiro até o concretismo, movimento que alargou as possibilidades da linguagem poética para o componente visual.

Em função da crise sanitária por que o mundo foi acometido no ano de 2021 – período

---

<sup>1</sup>Os nomes da escola e dos discentes foram preservados neste trabalho.

<sup>2</sup>Em *Abc da literatura* (1990), o poeta e crítico estadunidense Ezra Pound estabelece três níveis da linguagem que considera fundamentais em termos de arte poética: a fanopeia, em que a disposição das palavras visa a predominância dos aspectos visuais; a melopeia, na qual os aspectos sonoros ou musicais têm maior importância; e a logopeia, que trata do apuro intelectual no jogo com as palavras.

em que ocorreu a intervenção –, as aulas foram regidas em modelo híbrido, em que parte delas

aconteceram com mediação do suporte tecnológico, de maneira desmaterializada, portanto, dado que o ambiente concreto de interação é o ciberespaço, como nos diz o filósofo tunisiano Pierre Lévy (1999), ao passo que outras foram realizadas de maneira presencial. Essa interação entre o ambiente escolar e as novas mídias e suportes tecnológicos também serão fruto de discussão neste trabalho para que possamos estabelecer os aspectos positivos e negativos dessa nova empreitada pela qual os profissionais da educação precisaram percorrer.

Em termos de intervenção, a atuação foi baseada numa sequência didática elaborada tendo em vista aulas expositivas sobre a especificidade dessa tradição de poéticas visuais – de João Cabral aos poetas concretos –, além da exibição do documentário intitulado *Poetas de campos e espaços* (1992), dirigido pela pesquisadora e realizadora Cristina Fonseca, produção que contextualiza a poesia concreta no Brasil a partir das lentes de seus criadores: Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Aliado a isso, desenvolveu-se algumas aulas em que a tônica foi o gênero resenha crítica, em que se definiu as suas características e aspectos gerais a fim de que os alunos desse terceiro ano pudessem estar aptos para a realização da atividade final da intervenção: a escrita de uma resenha crítica sobre o filme assistido. A partir dessa produção, avaliamos a capacidade dos discentes em tramar diálogos com os conteúdos vistos nas aulas em contexto digital, bem como a adequação ao gênero solicitado.

### **A literatura na escola e o gênero resenha crítica**

Iniciamos essa discussão com o texto de Antônio Cândido *O direito à Literatura* (2017, p. 177), “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Entende-se que essa é a primeira função da literatura, “criar possibilidades dialógicas” no contexto social, mais especificamente, no contexto escolar. Uma literatura, pois, comprometida em dialogar com o contexto sociointerativo dos discentes, estabelecendo uma relação com o homem contemporâneo nas suas diversas problemáticas: nas relações interpessoais, nas relações de poder, nas relações virtuais, nos conflitos existenciais. Nessa tessitura, levanta-se a questão: literatura para quê? Responde-nos Cândido (2017, p. 193), “Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da Literatura em todas as modalidades e em todos os níveis em um direito inalienável”. Para o autor, a literatura está fortemente atrelada à cultura dos povos, suas experiências históricas, sociais e a palavra que tem o poder de “humanizar” (Cosson, 2009). Reconhecer, portanto, a importância do ensino de literatura, mais especificamente do texto literário, ligado ao estabelecimento de sentido, é mais relevante do que pensar no processo de ensino-aprendizagem por ele mesmo.

Nesse viés, se a escola compreende o ensino de literatura como a riqueza da humanidade (não querendo ser piegas), a escola como instituição não “cairá” nos ditames

curriculares que muitas vezes tem “engessado” o ensino do texto literário, conforme nos lembra Cosson (2009, p. 22), “São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização impecável quanto incompreensível aos alunos”. Para o autor, o ensino de literatura, a apreciação do texto literário, está intimamente ligado ao sentido e aos conhecimentos compartilhados pelos discentes, ou seja, de como esse texto dialoga com o contexto social, “O efeito de proximidade que o texto literário traz produto de sua inserção profunda em sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros” (Cosson, 2009, p. 28). Tem-se, pois, o caráter dialógico do texto literário.

Seguindo os pressupostos acima, buscou-se ligar ao conhecimento literário da terceira fase modernista, relacionando autores como Oswald de Andrade e sua política modernista, própria de primeira fase modernista, como itinerário formativo para uma literatura de João Cabral de Melo Neto. Estabelecendo também a importância de Cabral para a poesia visual que ganhará “corpo” em Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos. Com efeito, desejou-se estabelecer um diálogo entre a poesia concreta, reconhecida como revolucionária pelas temáticas sociais, a partir também do contexto histórico brasileiro da época gênese do concretismo como um gênero textual que até hoje possui como marca a denúncia das mazelas sociais. O próprio manifesto fundante do concretismo delimita a sua moeda social: o *Plano-Piloto para Poesia Concreta* (1958) traz à tona em seu título a referência ao Plano Piloto de Brasília, proposto e elaborado pelo urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer. O projeto representava um marco da arquitetura modernista no cerne do programa desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek, que se afina a proposta de construtivismo racional do concretismo:

Um operário que trabalha uma peça ao torno não escreve nela o seu nome ou a sua revolta. A lucidez racional da máquina lhe ensina a perceber a irracionalidade básica das relações de produção capitalistas: constrói edifícios com vidro rayban e sabe que nunca irá morar neles; constrói superluxuosos aviões e sabe que nunca poderá voar neles. E sabe também que só poderá acabar com as injustiças sociais através de idéias e ações claras e conjugadas. E se algum poeta lhe vier dizer: Nós plantamos a rosa de amanhã, com certeza ele estará inclinado a pensar que isso não passa de uma demagogia e de uma vigarice da pior espécie. O operário quer um poema racional, que lhe ensine a agir e pensar como a máquina lhe ensina – e se gosta de rosas, há de preferi-las reais, que as alegóricas já estão felizmente mortas em sua sensibilidade positiva (Pignatari, 1987, p. 127).

Nessa conjuntura, ancorou-se ao ensino do texto literário, o trabalho com o gênero resenha crítica. Assume-se, pois, neste estudo o conceito de gênero do discurso segundo Mikhail Bakhtin. De acordo com o autor, gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2011a, p. 262). Para o filósofo da linguagem,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (Bakhtin, 2011b, p. 262).

Conforme o autor, o uso dos gêneros do discurso é uma atividade humana, ou seja, nos comunicamos por meio de gêneros dos mais simples aos mais complexos. No entanto, o uso é mais determinado pela sua função enunciativa que sua forma, estilo e linguagem. Bakhtin eleva a realização dos gêneros, na sua maneira concreta, no ato comunicativo permeado de axiologia, isto é, valoriza o agora, o que a enunciação provoca nos sujeitos e como se realiza no ato comunicativo. Nas palavras de Faraco (2009, p. 131) – interpretando as ideias de Bakhtin –, “os gêneros constituem agregados de meios de orientação coletiva à frente da realidade; constituem, em outros termos, meios de conhecimento situado. São modos e meios sócio-históricos de visualização e conceitualização da realidade”. Assim sendo, os gêneros são caracterizados mais pelo seu uso nas práticas sócio-discursivas do que pela sua forma, como pensavam os formalistas.

O gênero Resenha Crítica é marcado fortemente pela sua volatilidade e subjetividade, sendo caracterizado pela construção tipológica descritiva e discursiva-argumentativa e seu uso propõe o julgamento de uma obra – que pode ser livro, artigo, filme, documentário, etc.; influenciando, assim, a visão do leitor acerca do objeto. Como somos sujeitos políticos, críticos e axiológicos, a produção da resenha crítica seria uma extensão de uma atividade já realizada costumeiramente por uma sociedade que possui juízo de valor.

A partir do documentário *Poetas de Campos e espaços*, a proposta da produção de resenha crítica contemplou nessa experiência tanto aspectos estruturais do gênero, linguagem, como grau de formalidade, impessoalidade, coesão e coerência, aspectos funcionais como também estilísticos a partir da leitura de outras resenhas críticas. Além disso, os discentes deveriam marcar na escrita conhecimentos já adquiridos a respeito do período modernista – desde a semana de arte moderna, em seus pressupostos mais ortodoxos, à terceira fase modernista.

Diante disso, priorizou-se nesse estudo aspectos axiológicos em detrimento a estrutura e aspectos formais do gênero contemplado pelos discentes. Percebe-se esse pressuposto na escrita deste aluno (ver figura 2):

Poetas de Campos e espaços é um documentário completo e de muita importância para entender a gênese desse novo e revolucionário modo de desenvolver e apreciar poesias, essas que representam a história. Assisti-lo garantirá o ganho de conhecimentos significativos além de ser uma experiência gratificante e valorosa.

Com efeito, observa-se marcas de juízo de valor, constituídos por adjetivos apreciativos como “novo”, “gratificante” e “valorosa”, que estimulam o leitor a conhecer o documentário. Ademais, o uso do modalizador discursivo “revolucionário” garante ao leitor uma característica intrínseca da poesia concreta, e a ação verbal “garantirá”, utilizado também como um modalizador discursivo de certeza, revela que o resenhista recomenda a obra. Percebe-se, de antemão, que as escolhas linguísticas marcadas por modalizadores discursivos são uma estratégia discursiva-argumentativa para o leitor apreciar ou depreciar “em um primeiro instante” a obra resenhada.

### **A literatura na escola desmaterializada: do modernismo às poéticas visuais**

A pandemia pela qual o mundo atravessou a partir do ano de 2020 afetou diversas atividades fundamentais do tecido social, político, cultural e econômico da humanidade, em sentido amplo: dada as restrições de circulação de pessoas para evitar a proliferação do vírus causador da COVID-19 – bem como o desenvolvimento de mutações, originando novas cepas –, o agrupamento ou aglomeração ficou sob suspeita, de modo que as interações sofreram algumas mudanças importantes, isto é, o chamado modelo de trabalho remoto, por exemplo, ganhou ampla notoriedade, as reuniões entre amigos ou familiares mediadas por aplicativos de videoconferência tornou-se comum, assim como as apresentações de festivais de música ou de cinema via *live*, ou seja, a partir de transmissões ao vivo em mídias sociais.

No campo da educação, terreno de análise deste estudo, os impactos também foram significativos. As tecnologias passaram a dominar o contexto de sala de aula, gerando uma ampla discussão no que se refere ao uso dos suportes tecnológicos – e a efetividade destes – em ambiente escolar em termos éticos e no que diz respeito aos aspectos didáticos e metodológicos. Diante desse cenário, elencamos algumas questões a serem desenvolvidas neste trabalho quando pensamos as aulas de literatura, quer dizer: como realizar experiências literárias sob mediação da tecnologia sem incorrer em interações puramente tecnocráticas, em que a atenção recai mais nos recursos da mídia ou do suporte utilizado do que propriamente na especificidade da linguagem literária e as suas potencialidades? É possível trabalhar expressivamente a literatura a partir da desmaterialização da sala de aula e dos corpos que a envolvem, e quais estratégias podemos utilizar nesse sentido?

Para problematizar essas inferências, defendemos, em primeiro lugar, que não se trata de utilizar as tecnologias tendo em vista certo olhar dicotômico, signo da polarização: bem ou mal, divino ou diabólico, pródigo ou profano. Da mesma forma que não nos interessa prestar excessivas defesas aos ambientes eletrônicos, não tendemos a rejeitá-los, de tal maneira que nos aproximamos do pensamento de Paulo Freire quando nos diz que:

transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado (Freire, 1996, p. 33).

O pensamento de Freire nos ajuda, inclusive, a justificar a nossa abordagem com a literatura no caso de nossa intervenção, que levou em conta sobretudo os repertórios fornecidos pelas vanguardas estéticas interessadas na investigação e possibilidades outras existentes na linguagem poética quando em contato com as novas tecnologias – o que parece ser um caminho natural na história da literatura, na medida em que a própria inscrição de um poema em papel utilizando um idioma (código linguístico) é fruto da intervenção na tecnologia da escritura, em detrimento do poema espacializado no corpo, sob forma de exposição oral.

Além disso, a nossa fonte de interesse recaiu, fundamentalmente, na questão da visualidade como componente criativo nessa tradição poética de invenção. Para tal, selecionamos um poeta brasileiro cujas antenas captaram as influências dessas vanguardas estrangeiras – cujo representante maior no trato da representação visual e do diálogo sem preconceitos com os novos meios de comunicação e tecnologias é o poeta francês Stéphane Mallarmé, especialmente em seu *Um lance de dados jamais abolirá o acaso* (1897), poema constelar que incorpora a estrutura espacial e não-linear dos jornais impressos, além de conter inovadores lances tipográficos –: o pernambucano João Cabral de Melo Neto, que atesta o problema visual em sua poética como paradigma ético/estético.

Quando João Cabral confessa que precisa *ver* o que está criando, pelo simples fato de arquitetar um poema como quem arquiteta um quadro, ele está se manifestando como um poeta essencialmente tipográfico, concentrado na organização visual do texto (Risério, 1998, p. 6).

Cabral, situado historicamente na geração de 45, aponta para formulações estéticas que serão levadas à cabo em contornos radicais pela poética de um dos fundadores do movimento da poesia concreta no Brasil: Augusto de Campos, poeta de cuja tessitura e proposição ética é

a menoridade, a concisão. Enquanto que na obra do pernambucano percebemos a procura pela limpidez do poema, a busca pelo essencial (Uma faca só lâmina, como atesta metalinguisticamente o título de seu poema publicado em 1955), na poética de Campos há também certo viés antirretórico, como nos diz o crítico Fábio Vieira ao analisar o poema *João/agrestes* (1985), resposta de Augusto ao poema-homenagem *A Augusto de Campos* (1985), escrito por João Cabral:

Abraço entre as poéticas de mesma raiz: “distinta liga de aço”. Cabral preparou o verso-sulco para Augusto semear sua poesia. . . . Augusto saúda o irmão mais velho modulando com a mesma harmonia. Apropriação criativa. Além de usar grupos semânticos bem próximos aos utilizados pelo autor de “Psicologia da Composição” (faca, aço, osso), homenageia a oficina contundente de Cabral com o mesmo expediente: a exploração da materialidade dos signos regida pela concisão. Uma antirretórica do menos via concreção da linguagem (Vieira, 2016, p. 113).

Tal aproximação serviu-nos de pedra angular para o desenvolvimento das aulas, levando em conta esses diálogos no centro do movimento modernista brasileiro, que tem em Oswald de Andrade figura central. Para os propósitos dos encontros virtuais com os alunos, discutimos as principais proposições do movimento a partir de dois textos escritos por Oswald: *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e *Manifesto Antropófago* (1928). Explicitamos, a partir desses documentos, as postulações modernistas de maneira ampla e as influências nas obras dos dois poetas supracitados, como na posterior tradição de poéticas visuais.

### **Procedimentos metodológicos**

O encadeamento entre o modernismo, a poesia de João Cabral como marco da visualidade e os poetas concretos abrindo campos e espaços para as poéticas eminentemente visuais foi realizado a partir de aulas gravadas. A plataforma escolhida para veiculação e compartilhamento dos vídeos foi o *youtube*. A primeira aula constou da análise dos dois manifestos oswaldianos, apontando o caráter antropofágico dos modernistas, quer dizer, a concepção de diálogo e apropriação do repertório estrangeiro seguido de deglutição sob viés nacional, que se expressa na incorporação da cultura estrangeira em paralelo com a representação da cor local. Nessa reflexão, foi-nos relevante apontar para os arranjos linguísticos de Oswald na construção desses textos nos quais a metáfora, a recusa ao padrão culto da língua em arte e a defesa da língua falada, da oralidade, são componentes expressivos para a dimensão ética e estética do movimento: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.”

(trecho do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*). Abordamos, ainda, o marco histórico do movimento, a Semana de Arte Moderna realizada no ano de 1922 em São Paulo e a repercussão desta no cenário artístico brasileiro.

Ao passo que explicitamos esses elementos caros ao modernismo, efetuamos a leitura de trechos dos manifestos seguido de comentários para que haja certo movimento de disposição crítica, efetuando, inclusive, a quebra da aura do documento literário, o que consideramos essencial no contexto da aula de literatura, em que o processo dialógico envolvendo o leitor e o texto deve atender aos princípios da consciência analítica. Optamos, portanto, por dessacralizar o texto, tornando-o aberto à discussão no campo das ideias.

essa atitude sacralizadora da literatura lhe faz mais mal do que bem. Mantida em adoração, a literatura torna-se inacessível e distante do leitor, terminando por lhe ser totalmente estranha. Esse é o caminho mais seguro para destruir a riqueza literária. A análise literária, ao contrário, toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos (Cosson, 2009, pp. 28-29).

Na segunda aula (que também ocorreu por vídeo gravado e postado no canal), em conformidade com a primeira, detivemo-nos ao delineamento do modernismo no campo cultural do país, expondo as três fases do movimento catalogadas pela historiografia literária. Além dessa retomada, ocupamo-nos de apresentar detidamente os elementos modernistas na poética de João Cabral e as suas concepções visuais na construção poemática. Elencamos também alguns elementos biográficos do autor para introduzir os discentes na obra do poeta, sobretudo o período em que ele esteve na Espanha servindo como diplomata, biografismo que se reflete em sua obra, dado que a influência da cultura popular espanhola está esparramada em sua poesia. Daí podemos exemplificar, aliás, o procedimento crucial da arte modernista: o trânsito entre cultura nacional e estrangeira via apropriação criativa.

Os poemas selecionados para discussão nesta aula estão, respectivamente, nos livros *Agrestes* (1985) e *A educação pela pedra* (1966), e são: *De um jogador brasileiro a um técnico espanhol* e o célebre *A educação pela pedra*. O trabalho com o texto literário se inicia com a oralização dos poemas – no vídeo, utilizamos o recurso da edição para inserir os textos na tela, de modo que os alunos pudessem acompanhar a leitura. Após esse momento, levantamos algumas entradas de leitura não para estreitar o horizonte interpretativo em olhar unidirecional, mas para exemplificar o método de análise, traçando relações entre o conteúdo dos poemas, as suas estruturas formais e o contexto artístico-político-social em que essas produções estão inseridas. Comentamos o procedimento composicional baseado em certo arranjo substantivo, marcando o projeto de concisão, de uma linguagem sem floreios e maiores

caracterizações, pois que a visagem é a própria materialidade da palavra: palavra-pedra, ao mesmo tempo que representa em signo o objeto visual, tende a sua concretude por meio dos procedimentos sonoros, como se percebe na predominância das aliterações (lá não se **ap**rende a **ped**ra: lá a **ped**ra, / uma **ped**ra de nascença, **ent**ranha a alma). A linguagem substantiva, tendendo à materialidade, está expressa no outro poema na imagem da bola atravessando todo o poema iconizada na letra “o”, que perambula pelos versos de maneira dinâmica por todas as estrofes. Ademais, essas inferências foram expostas ancoradas na perspectiva antilírica da poética do pernambucano, que entendia a arte da poesia como um trabalho fulcrado na rigidez estrutural, recusando os rodeios sentimentais do autor no texto.

Os vídeos destinados à discussão artística foram intercalados com aulas presenciais na escola – dado que já estávamos atuando em modelo híbrido – sobre o gênero resenha crítica, oferecendo aos estudantes a devida instrumentalização acerca das características deste que seria o modelo textual explorado na atividade final da intervenção. Esses encontros se deram em formato expositivo-dialogado e foi utilizado o auxílio de slides de apresentação.

A última aula da sequência contou com a exibição na escola do filme *Poetas de campos e espaços* (1992), produção que dimensiona o movimento da poesia concreta de acordo com os relatos de seus criadores e aponta para o horizonte pós-concretismo que desembocará na efervescência das poéticas visuais, nas quais parece haver uma disposição natural para os trânsitos intersemióticos, para a inscrição gráfica nos mais diversos meios, mídias e suportes. Para facilitar a sistematização das informações apresentadas no documentário, os alunos foram ensejados a fichar os tópicos que considerassem de maior valia no panorama da poesia concreta e, de maneira mais ampla, nas poéticas modernas de invenção. Com esse repertório, o estudante deste terceiro ano já se torna apto para desenvolver criticamente o seu próprio apanhado historiográfico do que foi a experiência da vanguarda no Brasil, seus intercâmbios com as referências estrangeiras e seus encaminhamentos futuros.

Outrossim, entendemos a intervenção com a turma um trabalho relevante por conseguir aliar os conhecimentos catalográficos das histórias da literatura com a ativa experiência com o texto literário, fonte maior da aula de literatura. Operamos, portanto, nos terrenos da fruição, da curtição poética e da análise mais verticalizada, fornecendo aos discentes um breve horizonte crítico da produção literária contemporânea preocupada com a questão da visualidade – além de apresentar as interlocuções dessa tradição com as novas tecnologias. Nesses termos, utilizamos o fenômeno literário para problematizarmos os próprios suportes tecnológicos, ampliando a discussão puramente estética para os campos da técnica e da ciência.

Os meios eletrônicos de comunicação vêm exercendo uma subversão nos modos de sentir e pensar do homem contemporâneo, até agora centrado no poder da razão e da ciência. Enquanto não se define mais claramente este homem “pós-

moderno”, o ideal para a formação das crianças seria acompanhar a utilização dos meios de comunicação, quer dentro da escola, quer reportando-se à sua ação fora dela, a fim de completá-la com a função abstrata da linguagem. É importante que a criança e o jovem conheçam a forma de ação desses meios e seus aspectos positivos e negativos, bem como sejam capazes de analisar os valores por eles veiculados (Aranha, 1998, p. 68).

Abordar em sala de aula as poéticas que, seguindo o curso natural das evoluções técnicas, optaram por aventurar-se nas novas mídias e tecnologias, não é nada mais do que fornecer aos estudantes a consciência de que assim como as áreas das ciências exatas, da publicidade, do design etc. – que foram abaladas pelas inovações da Revolução Industrial e dos avanços nas comunicações –, a literatura também participa ativamente das mudanças pelas quais os extratos sociais atravessam. Ela não é um bloco assente, inócuo. “É novidade que PERMANECE novidade” (Pound, 1990, p. 33).

## **Resultados e discussão**

Para os propósitos desta intervenção, como citamos nos itens acima, utilizamos uma produção escrita como atividade final. A solicitação constou da escritura de uma resenha crítica do documentário de Cristina Fonseca. Buscamos identificar nos textos dos estudantes as especificidades do gênero solicitado, a amplitude do olhar de mundo, a capacidade de fazer relações entre referências distintas – no caso do trabalho em questão, os alunos tiveram contato com referências textuais (os manifestos de Oswald de Andrade e os poemas de João Cabral, por exemplo) e audiovisuais (as aulas publicadas no *youtube* e a produção cinematográfica exibida em sala de aula). Para exemplificar alguns desses elementos, selecionamos duas resenhas críticas elaboradas pelos alunos, as quais nos deteremos a uma breve análise para que possamos discorrer objetivamente acerca dos resultados obtidos em nossa prática.

O discente “A” inicia a resenha contextualizando o documentário, trazendo informações como o nome da diretora, a data de lançamento, ao passo que procede para o eixo temático do filme: a questão da poesia concreta no Brasil. O primeiro parágrafo se encerra com a aproximação do concretismo com os nomes de seus criadores: Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos. Interessante observar, além disso, o paralelo desenvolvido desses três personagens com as figuras de Oswald e Cabral, representantes da primeira e da terceira fase modernista, respectivamente.

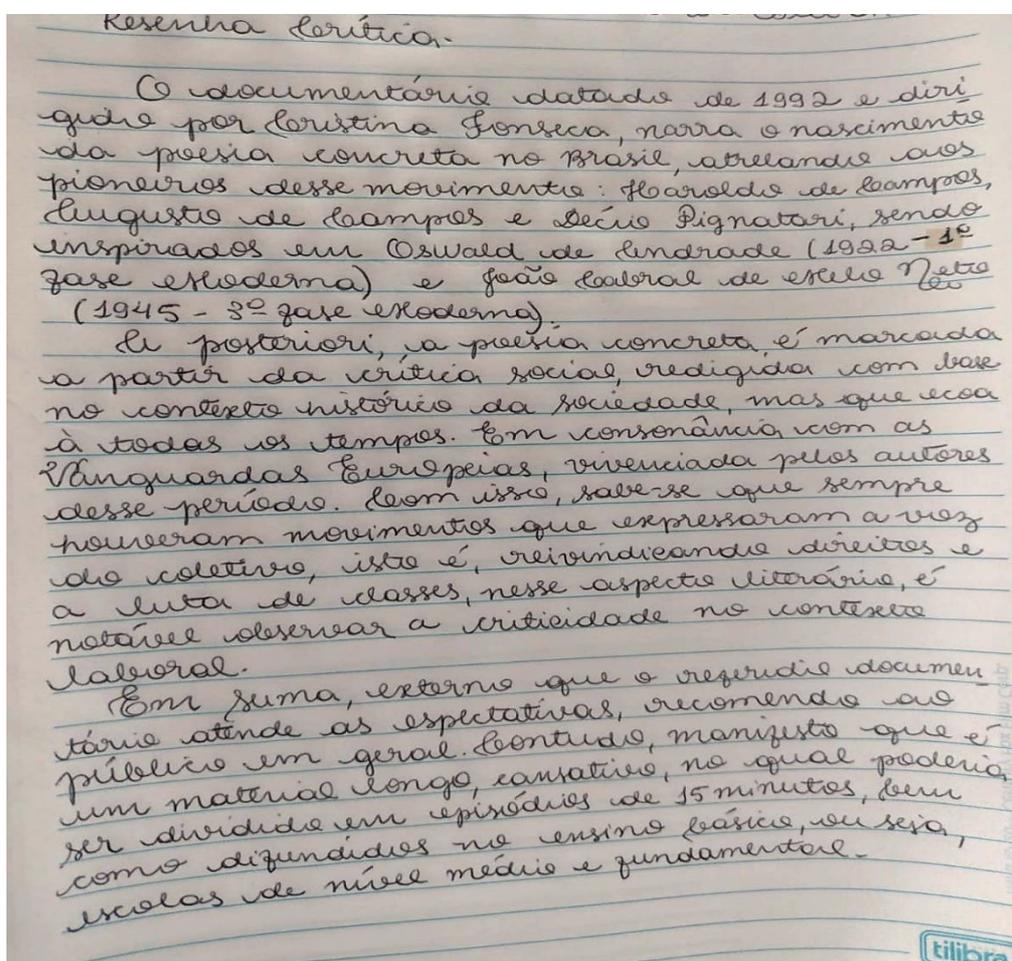
No segundo parágrafo, o foco recai na problemática social do concretismo, sua vertente participante. Aliado a isso, o autor atenta para as influências das vanguardas europeias como constituinte do acervo poético concretista – índice do modernismo brasileiro, pautado na

antropofagia cultural, como percebemos nos manifestos oswaldianos. Ainda nesse parágrafo, o estudante insere a sua voz no texto, apontando para a característica coletiva das atividades laborais em sentido amplo, o que poderia se relacionar com o contexto dos grupos e movimentos artísticos. O que se afigura é a intrusão de um aspecto subjetivo, pessoal, particular do resenhista, no que podemos considerar como a origem de certo movimento argumentativo, no qual o conhecimento cultural socialmente estabelecido é plasmado pelo parecer individual, marca opinativa – que é o que se espera numa resenha crítica: o desenvolvimento de um posicionamento sobre aquilo que está sendo discutido, delimitando o juízo crítico.

O último parágrafo traz o panorama do documentário sob paradigma da recepção,

### Figura 1.

#### Resenha crítica do discente “A”



Nota: fotografia tirada pelo aluno de sua produção textual. Para facilitar a visualização, a imagem passou por um tratamento de edição para aumentar alguns níveis de contraste.

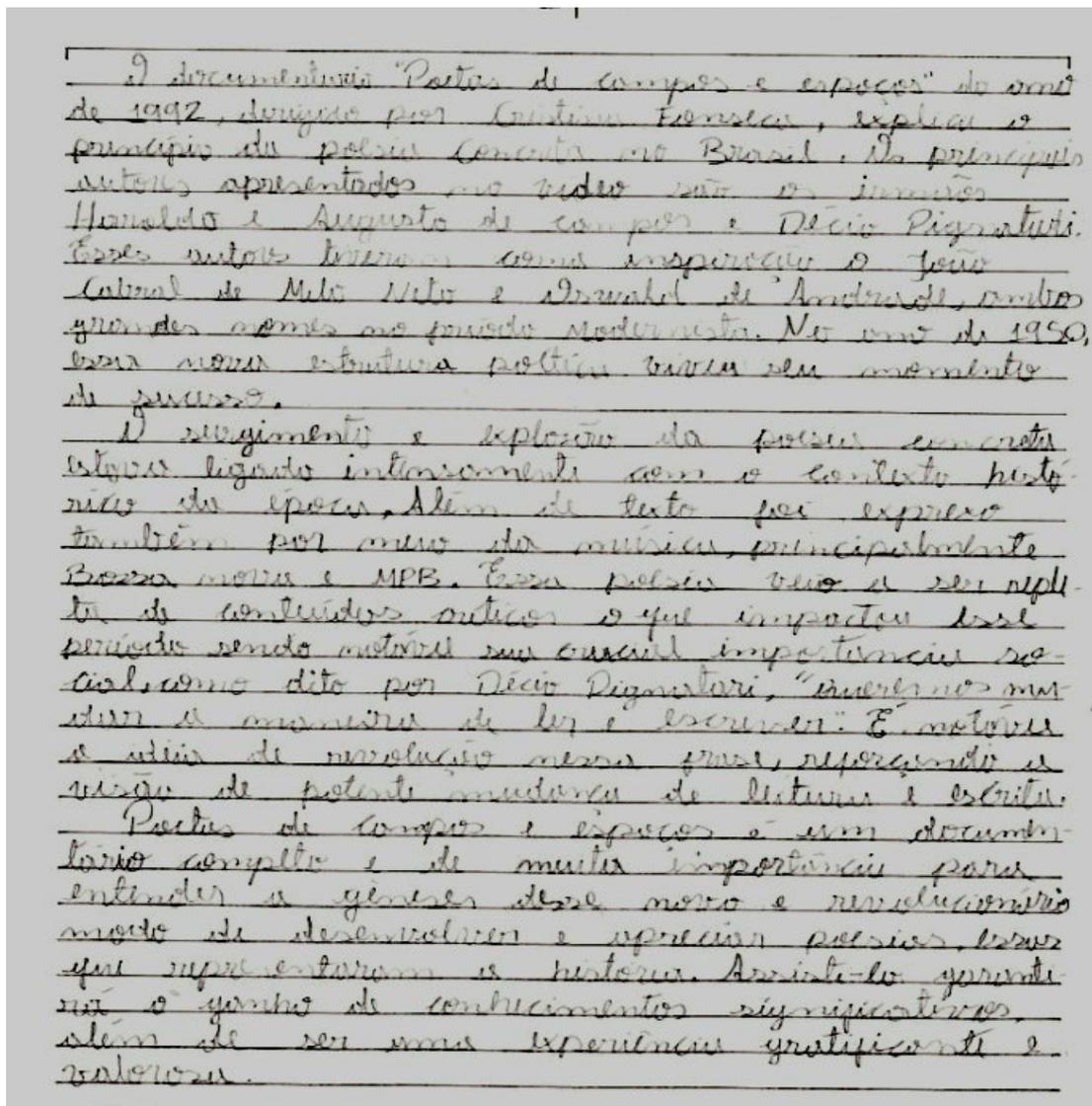
endossando a produção fílmica para o público. Outro componente crítico é abordado logo em seguida, quando o discente comenta o tempo de duração da produção e sugere a divisão por episódios curtos de quinze minutos.

Com isso, podemos assegurar que a resenha atende à estrutura relativa ao gênero e possui boa construção dissertativa, baseada na inteligibilidade das ideias apresentadas, na coesão e na coerência.

No caso do texto do discente “B” (ver figura 2), a introdução possui componentes similares à resenha crítica anterior: há menção aos criadores do concretismo, à diretora do documentário e aos outros escritores trabalhados durante as aulas.

### Figura 2.

#### Resenha crítica do discente “B”



Nota: fotografia tirada pelo aluno de sua produção textual. Para facilitar a visualização, a imagem passou por um tratamento de edição para aumentar alguns níveis de contraste.

Há, entretanto, uma interferência causadora de diferenciação: “No ano de 1950, essa nova estrutura poética viveu seu momento de sucesso”, isto é, o estudante marca os anos cinquenta como ápice dessa informação estética nova, prostrada na forma da poesia concreta. No transcorrer de sua elaboração, estabelece os contatos entre o surgimento do concretismo,

o contexto histórico e a efervescência da bossa nova – informações que constam em *Poetas de campos e espaços* –, fazendo uso de modalizadores discursivos.

Além de trazer uma citação do poeta Décio Pignatari, o aluno propõe de maneira imperativa a sua versão dos fatos, argumentando a respeito da perspectiva revolucionária na concepção teórico/poética do grupo liderado pelos irmãos Campos e por Pignatari. A resenha é finalizada com a defesa enfática da obra, denotando talvez alguma aproximação pessoal com os conteúdos abordados na película. A resenha crítica também atinge o horizonte de expectativa esperado por nós exatamente por conseguir aliar a presença da opinião sobre o documentário com a estrutura do gênero demandado na atividade.

Percebemos, a partir da leitura e avaliação dessas produções, que os objetivos da intervenção – quais sejam: a apreensão crítica por parte dos alunos de um período histórico e cultural no Brasil em que a novidade, isto é, a busca por informações novas em termos estéticos, e a radicalidade no trato da postura dos artistas com relação a escritura, como assertivamente revela a citação de Pignatari ao conclamar a mudança de paradigma na maneira de ler e de escrever, findou por desembocar na aventura da poesia concreta que abriu caminhos para as contemporâneas poéticas visuais, tudo isso sob pano de fundo do modernismo e as suas interações com movimentos artísticos/literários estrangeiros, revelando um eficaz intercâmbio cultural – foram cumpridos de maneira satisfatória dada a capacidade de elucidação dos aspectos contestatórios da poesia concreta na esteira de um particular contexto social e político.

## **Conclusão**

O trabalho com a literatura no nível de ensino médio propõe aos professores uma série de desafios e particularidades que precisam ser continuamente debatidos no exercício cotidiano de sala de aula, sobretudo quando pensamos na complexidade envolvendo as mais variadas concepções pedagógicas, os diversos métodos de abordagem do texto literário em contexto escolar, além das demandas próprias de cada turma. Somado a isso, tivemos em nossa intervenção a influência direta de uma problemática de ordem sanitária que amplificou todas as dificuldades já existentes no contexto de ensino-aprendizagem.

A pandemia nos obrigou ao transporte do espaço físico da escola para o contexto digital, fazendo com que a dimensão concreta dos problemas escolares fosse redimensionada através da mediação das mídias e suportes tecnológicos. Surge, nesse câmbio, implicações de ordem ética, isto é, como utilizar o(s) recurso(s) tecnológico(s) sem tornar a prática educativa puramente mecânica, dessintonizada com os aspectos humanos (elementos tão caros à prática educativa para a autonomia do educando)?

Para responder essa pergunta – que tange à expressividade da prática educativa no que diz respeito aos seus elementos fundamentais, quer dizer: o compromisso com a vida, com a

relação entre pessoas e personalidades diferentes, com a alteridade, enfim –, é mister recorrer às escolhas que efetivamos em nossa intervenção e apontar a defesa inegociável da diferença como valor essencial na construção de nossas atividades: desde a seleção do repertório cultural, das mídias de veiculação das aulas online e da utilização de formatos distintos de exposição dos conteúdos – levando em conta a dinamicidade dos recursos tecnológicos –, o objetivo maior sempre foi distanciar os estudantes das perspectivas excessivamente tecnicistas. A decisão pelas poéticas visuais e pelas vanguardas estéticas também se somam a isso, dado que essas tradições têm como característica básica o trabalho com a poesia como que sabotando a infraestrutura eminentemente mecânica dos suportes digitais. Quando os poetas concretos, por exemplo, partem para as investigações nos campos do vídeo, dos *gifs*, da holografia, o que se configura exatamente é a busca pela novidade, pela oxigenação em termos estéticos, de tal modo a reavivar a estrutura poética.

Sim, a poesia concreta é inconveniente. E inconveniente pela razão mesma de que põe em xeque essa pseudonoção de literatura e de poesia como compartimento estanque, desvinculado das demais artes, desligado das transformações tecnológicas, de poesia-em-estufa, *in vitro* e não *in vivo* (Campos, 2015, p. 105).

Essa concepção *in vivo* alia-se ao nosso trabalho em sala de aula no transcorrer da intervenção no programa Residência Pedagógica, especialmente se analisarmos que a própria atividade com o texto poético constitui uma espécie de sopro de vida nesses tempos permeados por morte e luto. Ainda dialogando com Campos, adotamos de forma inequívoca a inconveniência como método de atuação, dado que o nosso interesse recaiu na busca pelo movimento humano e intelectual, recusando a afasia e a apatia, sentimentos próximos da inércia e da falta de criatividade. Mesmo em contexto digital, detivemo-nos a permear as relações de ensino-aprendizagem sob prisma do humanismo e das afecções, numa espécie de ética da outriedade, no sentido de estar aberto para os afetos do outro.

## REFERÊNCIAS

- Aranha, M. (1998). *Filosofia da educação*. Moderna.
- Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. (6ªed.). Editora WMF.
- Barthes, R. (2009). *Aula*. (14ªed.). Cultrix.
- Campos, A. (2015). *Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia*. Companhia das letras.
- Cândido, A. (2017). *Vários escritos*. (6ªed.). Ouro sobre azul.
- Cosson, R. (2009). *Letramento literário: teoria e prática*. Contexto.

- Faraco, C. (2009). *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Parábola editorial.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. (27ªed.). Paz e terra.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Pignatari, D., Campos, A., & Campos, H. (1987). *Teoria da poesia concreta: Textos críticos e manifestos 1950-1960*. Brasiliense.
- Pound, E. (1990). *Abc da literatura*. (11ªed.). Cultrix.
- Risério, A. (1998). *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Copene.
- Vieira, F. (2016). *A antirretórica do menos, leituras sobre Augusto de Campos*. Caule de papiro.